

Relação entre variáveis sociodemográficas e do percurso escolar e a adaptabilidade de carreira de estudantes do ensino secundário

Elsa Maria Fernandes¹ e Renato Gomes Carvalho²

Resumo

Neste estudo, analisámos a relação entre a adaptabilidade de carreira, expressa nas dimensões Preocupação, Controlo, Confiança e Curiosidade, e um conjunto de variáveis sociodemográficas (sexo, zona de residência, educação parental) e do percurso escolar (média de classificações, retenções, participação em atividades extracurriculares). Testámos ainda a relação entre a participação prévia reportada em atividades de carreira e a realização de atividades ocupacionais, e a adaptabilidade de carreira. Participaram no estudo 201 estudantes do ensino secundário, com idades compreendidas os 16 e os 23 anos ($M = 17.56$, $DP = 0.89$). Os instrumentos foram um questionário sociodemográfico e escolar e a versão Portuguesa da *Career Adapt-Abilities Scale*. Os resultados não mostraram um efeito global das variáveis sociodemográficas na adaptabilidade de carreira, com a exceção de um efeito de pequena magnitude da área de residência (rural) no Controlo; e um efeito de pequena magnitude do sexo (feminino) na Preocupação. Verificou-se uma associação entre o desempenho escolar (moderado na média das classificações; fraco no caso das retenções) e a adaptabilidade de carreira. A participação prévia em atividades de educação e desenvolvimento de carreira, ou a realização de atividades ocupacionais, não se associaram à adaptabilidade de carreira com a presente amostra.

Palavras-chave: desenvolvimento de carreira; adaptabilidade de carreira; ensino secundário; adolescência; variáveis sociodemográficas

1 Secretaria Regional de Educação da Madeira, Madeira, Portugal. Email: elsaferbraga@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-2234-2354>

2 Secretaria Regional de Educação da Madeira, Madeira, Portugal. Email: renatoggc@gmail.com. ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0003-1766-4818>

The relation between sociodemographic and school path variables, and career adaptability of high school students

Abstract

In this study, we analyzed the association of high school students' career adaptability (as expressed in Curiosity, Concern, Control, Confidence dimensions) with a set of sociodemographic (gender, geographical zone of residence, parental education), school path (grade point average [GPA], retentions, participation in extracurricular activities) variables. We also tested whether reported previous participation in career development activities, and occupational activities had a relation to present career adaptability. The sample consisted of 201 Portuguese high school students, aged 16 to 23 years-old ($M = 17.56$, $SD = 0.89$). We used a sociodemographic survey and the Portuguese version of the Career Adapt-Abilities Scale. The results did not show a significant global effect of sociodemographic variables in students' career adaptability, with the exception of a small magnitude effect of the area of residence (rural) on Control, and of gender (female) on Concern. A significant association between academic performance (moderate for GPA, weak for retentions) and career adaptability was found. Previous participation in career education and development activities, or having occupational activities, did not associate to career adaptability in the present sample.

Keywords: career development; career adaptability; high school; adolescence; sociodemographic variables

INTRODUÇÃO

A adolescência corresponde a um dos períodos mais significativos do desenvolvimento humano e é marcada por complexas mudanças físicas, cognitivas e psicossociais (Lerner, Phelps, Forman, & Powers, 2009; Papalia, Olds, & Feldman, 2008). Para a compreensão deste período concorrem dimensões biológicas, mas também condições sociais, culturais, históricas específicas (Smetana, Campione-Barr, & Metzger, 2006). Neste sentido, os diferentes contextos de vida em que se move cada adolescente são também propícios à exploração de si e das suas potencialidades, contribuindo para a formação de um autoconceito mais diferenciado (Senna & Dessen, 2012). A adolescência é, assim, um período propício para o desenvolvimento de uma conceção de si e diferenciação face ao outro (Steinberg & Morris, 2001), bem como para antecipar o futuro, através da construção de

representações, metas e projetos (R. G. Carvalho, 2012), com os quais se pode comprometer solidamente.

Do ponto de vista do desenvolvimento vocacional, a adolescência pode ser encarada como a fase transitiva da Fantasia para o Realismo (Ginzberg, Ginsburg, Axelrad, & Herma, 1951), como o Estádio de Exploração (Super, 1990) ou como primeiro compromisso com a carreira (Savickas, 2002). Na perspetiva de Ginzberg et al. (1951), o comportamento vocacional inicia-se na infância e desenvolve-se ao longo da vida do indivíduo, atravessando três grandes períodos: fantasia, tentativa e realismo. Se, na infância, predomina a escolha arbitrária e falta de orientação para a realidade (fantasia), na adolescência (11-17) inicia-se a fase – tentativa – na qual os jovens gradualmente expressam as suas escolhas em interesses pessoais, capacidades e valores, baseadas em fatores de carácter mais realista.

O contributo do modelo desenvolvimentista de Super (1990) remete para os conceitos de maturidade vocacional (jovens) e adaptabilidade (adultos) como determinantes para a tomada de decisão de carreira. No seu modelo de desenvolvimento de carreira (*Life Career Rainbow*), Super (1990) pressupõe a existência de cinco estádios – Crescimento; Exploração; Estabelecimento; Manutenção; Declínio –, cada um caracterizado pela necessidade de realização de tarefas específicas. O adolescente encontra-se no estádio de Exploração (15 - 24 anos) e tem como tarefas a experimentação de papéis e atividades distribuídas por três subfases: *Cristalizar*, que se caracteriza por analisar a área profissional em que deseja trabalhar, as habilitações necessárias para atingir esse objetivo, bem como interesses e valores; *Especificar*, onde se verifica a escolha de uma profissão ou especialidade profissional; e *Implementar*, que consiste na execução de ações que permitam concretizar a carreira escolhida. Associado a este processo e à forma como cada indivíduo cumpre as tarefas desenvolvimentais é revelada a sua maturidade vocacional. Assim, a maturidade vocacional de um indivíduo é revelada através da aptidão para tomar decisões e para adotar os comportamentos característicos da fase de desenvolvimento em que se encontra, sendo que uma boa decisão nesta fase permite ao indivíduo progredir para as fases seguintes (Super, 1980; Super et al., 1996, citados por Balbinotti, 2003).

Savickas (1997) propõe a substituição do conceito de maturidade pelo de adaptabilidade de carreira, realçando o final da adolescência como o primeiro compromisso com a carreira. Na perspetiva de Savickas (2002), o processo de desenvolvimento dos indivíduos e a construção dos seus projetos de carreira assenta na construção de si próprio e na subjetividade com que percebe a realidade. Os adolescentes que não consigam planear o seu trabalho e trabalhar o seu plano estão menos aptos para transformar em realidade os seus sonhos profissionais (Savickas, 2002).

Em 2009, o *Life Design International Research Group* (Savickas et al., 2009) propõe uma mudança de paradigma na psicologia vocacional, com impacto na intervenção com

adolescentes. Se antes a tónica eram as escolhas de carreira, neste modelo incide-se na importância relativa que o trabalho tem na vida, atendendo às variáveis psicológicas e aos contextos socioeconómicos e culturais que afetam e integram o desenvolvimento. Desta forma, o aconselhamento de carreira tem como objetivo central ajudar o indivíduo a definir a sua missão pessoal, que por sua vez servirá de base na escolha do caminho que só ele seguirá, sediando a sua identidade, as suas prioridades, preparando-o para um futuro repleto de incertezas (Duarte, 2008), promovendo a adaptabilidade, a narrabilidade e a atividade em cada um dos clientes (Savickas et al., 2009).

No quadro atual da sociedade e imprevisibilidade dos percursos de carreira, as questões vocacionais dos adolescentes têm de ser integradas numa perspetiva holística onde se relacionam variáveis individuais, relacionais e contextuais, com ênfase nas experiências e competências que vão desenvolvendo e visam desenvolver (Guindon & Richmond, 2005; Savickas, 2005). Neste sentido, as intervenções junto dos adolescentes envolvem o desafio de proporcionar o desenvolvimento de competências e atitudes que lhes permitam um elevado nível de adaptabilidade num contexto de mudanças.

Adaptabilidade como processo de desenvolvimento de carreira

Na perspetiva de Savickas (2005, 2008), a adaptabilidade é entendida, não como uma sequência de empregos/promoções ao longo da vida, mas como um processo construtivo, subjetivo, formado por significações de memórias passadas, experiências atuais e aspirações futuras de carreira (Ambiel, 2014). A adaptabilidade surge na teoria de Savickas (2008) como um constructo multidimensional que envolve o desenvolvimento de estratégias com as quais o indivíduo lida com as situações do mundo do trabalho. A adaptabilidade corresponde a um processo ativo, dinâmico e estruturado em quatro dimensões fundamentais para um adequado desenvolvimento de carreira: Preocupação (*Concern*), Controlo (*Control*), Curiosidade (*Curiosity*) e confiança (*Confidence*).

A primeira dimensão, *Career Concern*, refere-se à preocupação em relação ao futuro da carreira. Pensar e inquietar-se com o futuro leva o indivíduo a desenvolver atitudes de planeamento, antecipação e preparação. Permite, ainda, encarar as situações/atividades presentes como uma integração entre passado, presente e futuro, que por sua vez estimulam a procura de concretização de projetos futuros. A sua ausência indica apatia e condiciona negativamente o prosseguimento para as outras dimensões da adaptabilidade (Savickas, 2005). O Controlo (*Career Control*) relaciona-se com a capacidade de controlar as tentativas de preparação para o futuro profissional. Tal implica uma postura responsável e ativa nas escolhas referentes ao futuro laboral. A sua ausência conduz à procrastinação e reduzida assertividade na conduta pessoal.

A dimensão Curiosidade (*Curiosity*) envolve a iniciativa para explorar novas aprendizagens sobre as atividades do trabalho que gostaria de exercer. Aqui, o indivíduo desenvolve o seu autoconhecimento e o conhecimento do mundo laboral. A Confiança (*Confidence*) diz respeito à certeza em relação à carreira. Esta dimensão reflete a perceção das competências necessárias para atingir os objetivos e a crença de que, apesar dos obstáculos, o indivíduo concretizará o seu projeto de vida (Savickas & Porfeli, 2012).

Assim, pessoas adaptáveis serão aquelas que se preocupam com o futuro profissional, possuem um sentido de controlo sobre ele, exploram possíveis identidades vocacionais e possibilidades de trabalho e reforçam a sua confiança na prossecução das pretensões laborais. No contexto do *Life Designing*, a intervenção passa por promover a adaptabilidade através da narração da história pessoal, a sua desconstrução e reconstrução conforme a identidade dos indivíduos e considerando os possíveis obstáculos e barreiras que se impõe na carreira. Portanto, o aconselhamento deve incidir na construção de trajetórias de vida e não ao ajustamento indivíduo/trabalho (Savickas et al., 2009).

O presente estudo

Face à necessidade de se compreender a adaptabilidade de carreira de estudantes portugueses, particularmente ao nível dos seus determinantes, neste estudo analisámos a relação entre diversas variáveis de natureza sociodemográficas (zona de residência, habilitações académicas dos pais, sexo), relativas ao percurso escolar (média de classificações e retenções no percurso escolar) e participação prévia em atividades de desenvolvimento de carreira, e a adaptabilidade de carreira de estudantes do ensino secundário.

Considerando a literatura e os objetivos desta investigação, procurámos verificar as seguintes hipóteses:

Hipótese 1. A zona geográfica de residência tem influência na adaptabilidade de carreira dos estudantes. De acordo com a literatura, o meio envolvente é preditor do desenvolvimento de carreira (Hirschi, 2009). No caso do meio rural, este poderá apresentar limitações ao nível de modelos profissionais ou iliteracia parental, o que poderá influenciar negativamente o desenvolvimento vocacional dos jovens (Hutchins & Akos, 2013); também se poderá repercutir no fraco envolvimento dos adolescentes em atividades de índole vocacional como *jobshadowing* ou voluntariado (Hutchins & Akos, 2013).

Hipótese 2. Existe uma relação entre as habilitações académicas dos pais dos estudantes e a sua adaptabilidade de carreira. Considerando-se que o nível socio-cultural, expresso nas habilitações académicas dos progenitores, funciona como garantia de qualidade no apoio em atividades de exploração vocacional (Carvalho & Taveira, 2009; Hirschi, 2009), será de prever que pais com níveis culturais mais

elevados agem intencionalmente, com atividades e ações de exploração vocacional junto dos filhos (Gonçalves & Coimbra, 2007).

Hipótese 3. Há uma relação entre o sexo e a adaptabilidade de carreira dos estudantes, com o sexo feminino a apresentar maior adaptabilidade de carreira (Patton & Lokan, 2001).

Hipótese 4. O desempenho escolar, expresso na média das classificações e no número de retenções, relaciona-se com a adaptabilidade de carreira, no sentido em que um desempenho escolar superior está também associado a maior adaptabilidade de carreira (Carvalho, 2015).

Hipótese 5. Os alunos que estão envolvidos em atividades extracurriculares mostram níveis mais elevados de adaptabilidade de carreira. As atividades extracurriculares têm impactos positivos no desenvolvimento nos que dela participam (Mahoney, 2000), nomeadamente nas escolhas profissionais (Matias, 2009), na consolidação da perspetiva temporal de futuro, na tomada de decisão e construção de projetos de vida (Carvalho, 2015a).

Hipótese 6. Os alunos que participaram em programas de intervenção de carreira no 9º ano de escolaridade apresentam níveis mais elevados de adaptabilidade, uma vez que várias investigações suportam que tais intervenções são um importante recurso no auxílio da tomada de decisões vocacionais (Gamboa, Paixão, & Jesus, 2011; Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico [OCDE], 2004), no fortalecimento de uma estrutura cognitiva para compreensão do eu, do mundo do trabalho e dos aspetos relacionais de ambos (Silva, Carvalho, & Pocinho, 2010), maior autoconceito e capacidade de resolução de problemas, exploração do *self* e maior segurança nas escolhas académicas (Faria & Azevedo, 2004; Stocker & Faria, 2009).

Hipótese 7. Há uma relação entre a prática de uma atividade ocupacional e a adaptabilidade de carreira, no sentido em que experiências de trabalho permitem a assunção de novos papéis, favorecem o conhecimento de si e da realidade ocupacional (Creed, Patton, & Prideaux, 2007).

MÉTODO

Participantes

Para a realização do presente estudo recorreu-se a uma amostra não probabilística por conveniência, que se baseia na premissa que um certo tipo de respon-

dentes apresenta maior disponibilidade ou são mais acessíveis para responder aos questionários (Marôco, 2003).

No presente estudo transversal participaram 201 estudantes do 12º ano de escolaridade, maioritariamente do sexo feminino ($n = 118$; 59%) e com idades compreendidas entre os 16 e os 23 anos ($M = 17.56$, $DP = 0.89$), residentes na ilha da Madeira, Portugal. Os participantes residiam maioritariamente em zonas rurais ($n = 113$; 56%) e as habilitações escolares dos pais eram baixas, uma vez que mais de metade dos pais ($n = 128$; 64%) e das mães ($n = 104$; 52%) têm uma escolaridade inferior ou igual ao nono ano de escolaridade. A maioria dos estudantes encontrava-se a frequentar os cursos científico-humanísticos de Línguas e Humanidades ($n = 96$; 48%) e de Ciências e Tecnologias ($n = 61$; 30%). Os restantes participantes distribuíram-se por Artes Visuais ($n = 24$; 12%) e Ciências Socioeconómicas ($n = 18$; 9%). A maioria dos estudantes ($n = 176$; 87.6%) expressou a intenção de frequentar um curso superior.

Relativamente ao percurso académico, uma percentagem elevada dos participantes nunca ficou retido em qualquer ano letivo ($n = 155$; 77%). Dos que ficaram retidos ($n = 46$; 23%), a maioria apresenta uma retenção escolar ($n = 33$; 72%) e os restantes acima de duas ($n = 13$; 29%). De referir ainda que 21 alunos (10%) já haviam frequentado outros cursos em anos anteriores. A maior parte dos inquiridos não participava em atividades extracurriculares (62.2%) e os que estavam envolvidos em atividades fora do contexto escolar (37.8%) deram preferência a atividades desportivas e artísticas.

No que respeita à participação em atividades prévias de aconselhamento de carreira, pouco mais de metade dos participantes ($n = 117$; 58%) indicaram que participaram, comparativamente aos cerca de 42% ($n = 84$) que afirmaram nunca ter estado envolvido em algum tipo de aconselhamento de carreira. De entre os que reportaram ter participado em atividades, a maioria referiu programas de orientação escolar e profissional ($n = 62$; 31%), seguindo-se referências a atendimentos individuais ($n = 17$; 9%), e sessões em pequeno grupo ($n = 14$; 7%). A maioria destes estudantes considerou essa participação útil ($n = 70$; 35%) ou muito útil ($n = 24$; 12%).

Instrumentos

Career Adapt-Abilities Scale (CAAS; Savickas & Porfeli, 2012). A CAAS é um inventário de auto-relato criado no âmbito do *Life Design International Group* (2009) e constituído, na versão utilizada no presente estudo, por 24 itens (α de Cronbach para a presente amostra = .89). Para cada afirmação são possíveis cinco opções de resposta, de 1 a 5, em que (1) corresponde a Muito Pouco e (5) corresponde a Muito. O inventário divide-se em quatro escalas, cada uma constituída por seis itens, e

que correspondem a quatro dimensões: Preocupação (α para a presente amostra = .79), Controlo (α = .71), Curiosidade (α = .72) e Confiança (α = .79).

Questionário Sociodemográfico e Escolar. Através deste instrumento, foi possível recolher diversos dados, nomeadamente os seguintes: sociodemográficos (idade, área de residência, sexo, habilitações e profissões dos pais e mães); relativos ao percurso escolar (curso que os alunos frequentam, retenções e rendimento escolar); sobre a participação em atividades extracurriculares e exercício de alguma atividade profissional; sobre a participação anterior em atividades de orientação vocacional e aconselhamento de carreira; e sobre a existência do objetivo de acesso ao ensino superior.

Procedimento

Após a autorização da tutela (Direção Regional de Educação) para a realização do estudo, foram contactadas por correio eletrónico dez escolas secundárias da ilha da Madeira, Portugal, distribuídas pelos concelhos do Funchal, Câmara de Lobos, Santa Cruz, Ribeira Brava, Ponta do Sol, Calheta e Porto Moniz. Nesse contacto, foi explicada a natureza, o âmbito, os objetivos e os procedimentos do estudo, sendo que as seis escolas que responderam concordaram em participar. Foram posteriormente efetuados contactos telefónicos ou por correio eletrónico junto dos diretores das turmas do 12º ano indicadas pelo Conselho Executivo de cada escola, a fim de realizar uma reunião para clarificação dos procedimentos, quer relativos ao consentimento informado escrito, o qual foi assinado pelos estudantes e pelos respetivos pais ou encarregados de educação, quer relativos ao agendamento da aplicação dos instrumentos. Todas as participações neste estudo foram voluntárias, através de consentimento informado escrito, tendo sido assegurada a confidencialidade dos dados. Os instrumentos foram aplicados durante o segundo período letivo, entre os meses de janeiro e março de 2018, pela primeira autora do estudo, no âmbito do horário letivo disponibilizado por cada escola e em contexto de turma.

Análise de dados

Após a aplicação dos instrumentos, procedeu-se à sua verificação e codificação dos dados, tendo em vista a criação de uma base de dados, com recurso ao programa estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences* – versão 24). De seguida, procedeu-se à verificação da existência de condições de aplicação de testes paramétricos. O primeiro procurando testar a normalidade, isto é, se as

variáveis dependentes têm uma distribuição normal, tendo para o efeito usado o teste de Kolmogorov-Smirnov, e o segundo para testar a homogeneidade das variâncias com o teste de Levene. No que respeita à normalidade, os resultados indicam que o valor de significância para as variáveis é inferior a .05, o que resultaria numa não distribuição normal. Não obstante, face à dimensão da presente amostra, assumimos que a distribuição da média da amostra é satisfatoriamente aproximada à normal (Marôco, 2003). Por outro lado, verificou-se homogeneidade da variância ($p > .05$). Considerando a existência de quatro variáveis dependentes (Preocupação, Controlo, Curiosidade, Confiança) que estão correlacionadas entre si, procedeu-se à validação dos pressupostos para efetuar análises multivariadas da variância (Marôco, 2003). As análises *post hoc* foram realizadas através do teste de Tukey. Calculámos, ainda, os coeficientes de correlação de Pearson entre as quatro variáveis dependentes.

RESULTADOS

Relação entre dimensões de adaptabilidade de carreira

Começámos por verificar uma relação moderada entre as dimensões que caracterizam a adaptabilidade de carreira, sendo que os coeficientes de correlação variam entre .45 (entre as dimensões Controlo e Preocupação) e .58 (entre as dimensões Confiança e Preocupação), o que se traduz numa relação linear positiva e significativa ($p < .001$) entre todas as dimensões da adaptabilidade de carreira.

Variáveis sociodemográficas e adaptabilidade de carreira

Começámos por verificar que não existe um efeito global da zona de residência na adaptabilidade de carreira, expressa nas quatro variáveis dependentes: Preocupação, Controlo, Curiosidade e Confiança, $F_{(4,192)} = 2.15$, $p = .077$, Λ de Wilks = .96. Quando consideradas as variáveis dependentes em separado, verifica-se, no entanto, um efeito de pequena magnitude (Cohen, 1988) na dimensão Controlo, $F_{(1,195)} = 8.29$, $p = .004$, $\eta^2 = .04$. Assim, constatou-se que os participantes que residem em zonas rurais apresentam uma média mais elevada no Controlo ($M = 4.09$) face às zonas urbanas ($M = 3.88$) (cf. Tabela 1).

Tabela 1
Efeito da zona de residência na adaptabilidade de carreira

Dimensão	Meio	<i>M (DP)</i>	<i>F</i> _(1,195)	ηp^2
Preocupação	Urbano	3.82 (0.45)	0.74	.00
	Rural	3.90 (0.65)		
Controlo	Urbano	3.89 (0.53)	8.30*	.04
	Rural	4.09 (0.51)		
Curiosidade	Urbano	3.69 (0.47)	1.97	.01
	Rural	3.79 (0.50)		
Confiança	Urbano	3.86 (0.52)	1.25	.00
	Rural	3.94 (0.53)		

Nota. $n_{\text{urbano}} = 86$; $n_{\text{rural}} = 111$. * $p < .05$

Quanto às habilitações académicas dos pais, os resultados revelam a inexistência de um efeito global nas dimensões da adaptabilidade, $F_{(16, 541)} = 0.71$, $p = .79$, λ de Wilks = .94 (cf. Tabela 2).

Tabela 2
Efeito das habilitações académicas dos pais na adaptabilidade de carreira

Dimensão	Escolaridade	Mãe ^a	Pai ^b	<i>F</i> _(4,180)
		<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	
Preocupação	Baixa	3.81 (0.55)	3.84 (0.58)	0.68
	Média	3.92 (0.60)	3.82 (0.59)	
	Superior	3.98 (0.56)	3.92 (0.49)	
Controlo	Baixa	3.96 (0.49)	3.99 (0.53)	0.43
	Média	4.07 (0.56)	3.99 (0.44)	
	Superior	4.09 (0.58)	4.02 (0.57)	
Curiosidade	Baixa	3.68 (0.45)	3.69 (0.47)	0.11
	Média	3.87 (0.52)	3.78 (0.50)	
	Superior	3.88 (0.54)	3.83 (0.48)	
Confiança	Baixa	3.86 (0.50)	3.89 (0.53)	0.88
	Média	3.98 (0.61)	3.85 (0.56)	
	Superior	4.02 (0.56)	4.04 (0.48)	

Nota. ^a $n = 189$. ^b $n = 189$. As habilitações escolares dos pais e mães foram definidas em três categorias: baixa (menor que o 9º ano de escolaridade), média (nível secundário) e superior (licenciatura).

Relativamente à variável sexo, os resultados revelam que não existe um efeito global nas variáveis dependentes, $F_{(4,196)} = 1.83$, $p = .012$; λ de Wilks = .96. No entanto, quando consideradas as variáveis em separado, observa-se um efeito de pequena

magnitude na dimensão Preocupação, $F_{(1, 199)} = 4.68$, $p = .030$, $\eta^2 p^2 = .02$, sendo que as participantes do sexo feminino ($M = 3.92$) revelam maior Preocupação que os participantes do sexo masculino ($M = 3.75$) (cf. Tabela 3).

Tabela 3
Efeito do sexo na adaptabilidade de carreira

Dimensão	Sexo	M (DP)	$F_{(4,199)}$	$\eta^2 p^2$
Preocupação	Masculino	3.75 (0.60)	4.69*	.02
	Feminino	3.92 (0.54)		
Controlo	Masculino	4.00 (0.56)	0.00	.00
	Feminino	3.99 (0.50)		
Curiosidade	Masculino	3.75 (0.50)	0.02	.00
	Feminino	3.75 (0.50)		
Confiança	Masculino	3.87 (0.61)	0.35	.00
	Feminino	3.92 (0.53)		

Nota. $n_{\text{masculino}} = 83$; $n_{\text{feminino}} = 118$; * $p < .05$.

Percurso escolar e adaptabilidade de carreira

Através de uma análise multivariada da variância a um fator, verificou-se uma associação moderada entre a média das classificações escolares e a adaptabilidade de carreira, $F_{(12,482)} = 4.18$, $p < .001$, Λ de Wilks = .76, $\eta^2 p^2 = .09$. Quando analisadas separadamente as variáveis dependentes, observa-se um efeito significativo em três dimensões: Preocupação, $F_{(3, 185)} = 15.22$, $p < .001$, $\eta^2 p^2 = .20$; Curiosidade $F_{(3, 185)} = 5.02$, $p < .001$, $\eta^2 p^2 = .08$; e Confiança, $F_{(3, 185)} = 8.91$, $p < .001$, $\eta^2 p^2 = .13$, sendo que é o grupo com classificações mais elevadas que se distingue dos restantes ($p < .001$) (cf. Tabela 4).

Tabela 4
Efeito da média de classificações do primeiro período na adaptabilidade de carreira

Dimensão	Média escolar	M (DP)	$F_{(3,185)}$	$\eta^2 p^2$
Preocupação	<10 valores	3.50 (0.51)	15.22*	.20
	10-12 valores	3.58 (0.52)		
	13-15 valores	3.33 (0.53)		
	16-18 valores	4.25 (0.46)		
Controlo	<10 valores	3.67 (0.56)	1.84	.00
	10-12 valores	3.90 (0.51)		
	13-15 valores	3.99 (0.51)		
	16-18 valores	4.12 (0.48)		

Tabela 4
Efeito da média de classificações do primeiro período na adaptabilidade de carreira

Dimensão	Média escolar	M (DP)	$F_{(3,185)}$	ηp^2
Curiosidade	<10 valores	3.33 (0.49)	5.02*	.08
	10-12 valores	3.69 (0.51)		
	13-15 valores	3.67 (0.38)		
	16-18 valores	3.98 (0.52)		
Confiança	<10 valores	3.67 (0.55)	8.91*	.13
	10-12 valores	3.77 (0.47)		
	13-15 valores	3.83 (0.52)		
	16-18 valores	4,23 (0.51)		

Nota. $n_{<10 \text{ valores}} = 1$; $n_{10-12} = 64$; $n_{13-15} = 80$; $n_{16-18} = 44$. * $p < .05$.

No que respeita às retenções, os resultados indicam um efeito global de fraca magnitude na adaptabilidade de carreira, $F_{(4, 196)} = 2.53$, $p = .004$; Λ de Wilks = .95; $\eta p^2 = .05$. Quando consideradas as variáveis em separado, observa-se um efeito significativo na dimensão Preocupação, $F_{(1, 199)} = 7.59$, $p = .006$, $\eta p^2 = .04$, no grupo dos alunos que nunca ficaram retidos ao longo do seu percurso escolar (cf. Tabela 5).

Tabela 5
Efeito das retenções na adaptabilidade de carreira

Dimensão	Retenção escolar	M (DP)	$F_{(4,199)}$	ηp^2
Preocupação	Sim	3.65 (0.54)	7.59*	.04
	Não	3.92 (0.57)		
Controlo	Sim	4.01 (0.53)	0.01	.00
	Não	3.99 (0.52)		
Curiosidade	Sim	3.66 (0.51)	2.04	.01
	Não	3.78 (0.49)		
Confiança	Sim	3.82 (0.51)	1.28	.00
	Não	3.92 (0.53)		

Nota. $n_{\text{sim}} = 46$; $n_{\text{não}} = 155$. * $p < .05$

Em relação às atividades extracurriculares, os resultados indicam a inexistência de um efeito global nas variáveis dependentes, $F_{(4, 196)} = 0.12$, $p = .79$, Λ de Wilks = .99. O mesmo se verifica com a variável participação em atividades prévias de desenvolvimento de carreira, $F_{(4, 196)} = 0.20$, $p = .94$, Λ de Wilks = .99, e atividades profissionais, $F_{(4, 195)} = 0.98$; $p = .42$, Λ de Wilks = .98.

DISCUSSÃO

Com este estudo, analisámos a influência de diversas variáveis sociodemográficas e relativas ao percurso escolar na adaptabilidade de carreira de jovens no final do ensino secundário. Os resultados mostraram uma associação entre indicadores de desempenho escolar e a adaptabilidade de carreira, o que confirmou a Hipótese 4. No entanto, no que concerne à zona geográfica de residência e ao sexo, não se verificaram efeitos globais significativos sobre a adaptabilidade de carreira, pelo que as Hipóteses 1 e 3 não foram confirmadas integralmente. As restantes hipóteses também não foram confirmadas, uma vez que não se identificou um efeito das habilitações escolares dos pais, da participação em atividades extracurriculares, da participação prévia em ações de educação ou de aconselhamento de carreira e do exercício de uma atividade ocupacional na adaptabilidade de carreira dos jovens.

Em relação à zona de residência (H1), apesar de não se ter observado um efeito global, verificou-se uma influência parcial, de magnitude fraca, na dimensão Controlo, considerando o grupo de estudantes que vivem em zonas rurais, quando seria de esperar que fossem os participantes das zonas urbanas que apresentassem resultados mais elevados (Hutchins & Akos, 2013). Atendendo a que esta dimensão está relacionada com a capacidade de controlar o futuro profissional (Savickas, 2008), uma possível linha explicativa pode estar relacionada com uma potencial escassez de referência e estímulos ao desenvolvimento vocacional nos meios rurais poder expressar-se em perspetivas menos conscientes acerca da complexidade do mundo laboral. Por outro lado, um aspeto que poderá ter contribuído para a inexistência de um efeito significativo global da zona de residência na adaptabilidade poderá envolver a própria realidade geográfica da presente amostra (ilha da Madeira, Portugal), em que as distâncias mais curtas e a maior diluição entre zonas urbanas e rurais poderão ter contribuído para que as categorias consideradas no presente estudo (rural vs urbano) sejam limitadas.

Relativamente à H2, ao contrário do hipotetizado, não existiu um efeito das habilitações dos pais sobre a adaptabilidade de carreira dos jovens. Esta circunstância poderá potencialmente envolver o facto de a influência parental estar relacionada sobretudo com a eficácia da tomada de decisão e não tanto com a adaptabilidade de carreira (Keller & Whiston, 2008). Segundo Gonçalves e Coimbra (2007), os jovens provenientes de um meio familiar culturalmente mais favorecido têm maior acesso a experiências de exploração vocacional, que contribuem para a construção planeada de futuro. Por outro lado, considerando novamente a dimensão geográfica em que a amostra se insere, poder-se-á hipotetizar se os adolescentes, não estando circunscritos ao seu meio sociocultural, frequentando escolas e tendo acesso a

diversas valências em vários contextos, não terão tido experiências diversificadas que, em última análise, terão contribuído para o seu desenvolvimento vocacional.

Quanto à influência do sexo (H3), apesar de não ter existido um efeito global na adaptabilidade, os resultados indicam que as raparigas apresentam maior preocupação do que os rapazes, o que é consistente com a literatura que revela que as raparigas apresentam níveis maiores de exploração de carreira, de tomada de decisão e obtenção de informações sobre o trabalho (Patton & Lokan, 2001).

No âmbito da H4, os resultados relativos às variáveis do percurso escolar evidenciam uma relação entre indicadores de desempenho escolar e a adaptabilidade de carreira. Assim, constatamos que os estudantes com uma média de classificações mais elevada e/ou os que não apresentam qualquer retenção revelam maior preocupação com o futuro e entendem o desempenho na escola como uma via para alcançarem os seus objetivos profissionais. Tal reflete-se também nas dimensões da Curiosidade, no sentido em que estão disponíveis para explorar o meio ambiente, as escolhas e oportunidade de desenvolvimento pessoal, e também na Confiança com que se envolvem no processo, isto é, agindo responsabilmente ou desenvolvendo novas capacidades (Savickas & Porfeli, 2012). Este padrão é consistente com diversos outros estudos, que enfatizam uma relação positiva entre o sucesso escolar e a exploração de carreira e o desenvolvimento de interesses e perspetivas face ao futuro (Carvalho, 2015; Watson & McMahon, 2005).

No que se refere à ausência de influência das atividades extracurriculares na adaptabilidade de carreira (H5), importa realçar que a maioria dos participantes da amostra não estava envolvida neste tipo de atividades, sendo que este desfasamento no número de estudantes em cada categoria poderá ter influenciado os resultados. Este efeito poder-se-á ter repetido no caso da influência de atividades ocupacionais sobre a adaptabilidade de carreira (H7). Não obstante se poder considerar que o exercício de uma profissão pode ser benéfico para a construção de carreira (Creed et al., 2007), também deverá ser equacionado, como referem Stone e Mortimer (1998), que trabalhar em idades precoces poderá conduzir ao desinvestimento na educação formal, embora permita desenvolver hábitos e valores de trabalho. Relativamente à presente amostra, é importante ainda assinalar que não foi discriminada a natureza da atividade ocupacional desempenhada, tendo somente sido identificada uma questão com hipótese dicotómica de resposta (sim/não).

Quanto às variáveis relacionadas com a participação prévia reportada em atividades de educação ou aconselhamento de carreira, os resultados não evidenciaram relação com a adaptabilidade atual, circunstância que não confirma a Hipótese 6 e diverge de outros estudos (Almeida, 2007; Faria & Azevedo, 2004; M. S. Carvalho, 2012; Stocker & Faria, 2009). Neste âmbito, consideramos assinalável que cerca de metade da amostra não tenha participado em qualquer atividade de orientação e

aconselhamento de carreira, apesar de se encontrar no final do ensino secundário. Ainda que não se trate de uma amostra representativa da população, consideramos que este é um dado muito relevante e que merece ser analisado de forma mais ampla. Sendo pouco curial assumir que os estudantes do ensino secundário não se preocupam com o futuro e com o planeamento de carreira, uma hipótese explicativa poderá residir no facto de procurarem primordialmente pais ou pares para os auxiliar nessa tarefa (Bardick, Bernes, Magnusson, & Witko, 2004). Em todo o caso, estes resultados obrigam-nos a repensar a forma como se desenvolvem as iniciativas de orientação, educação e aconselhamento de carreira nas escolas, nomeadamente no final do ensino básico. Particularmente, estes resultados sublinham, a nosso ver, a importância de analisar e avaliar a natureza das intervenções de carreira ao longo do ensino básico e secundário, no sentido de ser aumentada a eficácia dos seus objetivos.

Por fim, é importante referir algumas limitações do presente estudo. Assim, as questões relacionadas com o facto de a amostra ser não probabilística, por conveniência, acarreta algumas limitações uma vez que é desconhecida a relativa probabilidade de um qualquer indivíduo nela ser incluída (Marôco, 2003). Além disso, conscientes de que uma amostra diversificada (alunos do 10º, 11º e 12º) envolveria mais resultados e forneceria dados sobre a adaptabilidade dos alunos de forma englobante, reconhecemos que circunscrever a amostra a alunos do 12º ano pode ter condicionado uma compreensão abrangente sobre as variáveis da adaptabilidade de carreira. Considera-se ainda que o recurso a instrumentos de auto-relato pode ter limitado os resultados, uma vez que é mais difícil avaliar a honestidade das respostas. Por outro lado, constatamos, na análise das variáveis independentes do estudo, que nem sempre a distribuição dos grupos era equitativa ou as categorias poderiam refletir a complexidade da realidade, o que pode ter também condicionado os resultados, pelo que se requer cautela na sua interpretação.

Em todo o caso, consideramos que o estudo contribuiu para confirmar as evidências na relação entre o desempenho escolar e a adaptabilidade de carreira, conduzindo igualmente à perceção da necessidade de maior investigação nesta área, como por exemplo, aprofundar e testar a eficácia de práticas psicológicas que articulem o desempenho académico com a adaptabilidade de carreira, realizar estudos longitudinais e avaliar a evolução dos níveis de adaptabilidade e o desempenho escolar.

Tendo em conta os efeitos parciais de pequena magnitude de algumas variáveis sociodemográficas (sexo, residência em zona rural) em dimensões de adaptabilidade de carreira (respetivamente, Preocupação, Controlo), consideramos ainda que será pertinente explorar futuramente, de forma mais aprofundada e com amostras de estudantes portugueses, o modo como as variáveis de natureza contextual influenciam o desenvolvimento de carreira dos jovens (Carvalho & Taveira, 2009).

REFERÊNCIAS

- Almeida, L. S. (2007). Transição, adaptação académica e êxito escolar no ensino superior. *Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación*, 15(2), 1138-1663.
- Ambiel, R. A. (2014). Adaptabilidade de carreira: Uma abordagem histórica de conceitos, modelos e teorias. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(1), 15-24.
- Balbinotti, M. A. A. (2003). A noção transcultural de maturidade vocacional na teoria de Donald Super. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 461-473. doi: 10.1590/S0102-79722003000300005
- Bardick, A., Bernes, K., Magnusson, K., & Witko, K. (2004). Junior high career planning: What students want. *Canadian Journal of Counselling*, 38(2), 104-117.
- Carvalho, M. S. (2012). *A implementação de decisões vocacionais no ensino secundário: Contributos para a construção de um modelo de intervenção*. (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade do Minho, Portugal.
- Carvalho, M., & Taveira, M. C. (2009). Influência de pais nas escolhas de carreira dos filhos: Visão de diferentes atores. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(2), 33-41.
- Carvalho, R. G. (2012). *A personalidade na compreensão do percurso escolar na adolescência*. (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade de Lisboa, Portugal.
- Carvalho, R. G. (2015). Desenvolvimento de projectos na adolescência: Avaliação e perspectivas sobre a intervenção psicológica. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica/ Evaluación Psicológica*, 39(1), 91-101.
- Carvalho, R. G. (2015a). Future time perspective as a predictor of adolescents' adaptive behavior in school. *School Psychology International*, 36(5), 482-497. doi: 10.1177/0143034315601167
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum.
- Creed, P., Patton, W., & Prideaux, L. A. (2007). Predicting change over time in career planning and career exploration for high school students. *Journal of Adolescence*, 30(3), 377-392. doi: 10.1016/j.adolescence.2006.04.003
- Duarte, M. E. (2008). A avaliação psicológica na intervenção vocacional: Princípios, técnicas e instrumentos. In M. C. Taveira & J. T. Silva (Eds.), *Psicologia vocacional: Perspetivas para a intervenção* (pp. 139-156). Quarteto.
- Faria, L., & Azevedo, A. S. (2004). Manifestações diferenciais do autoconceito no fim do ensino secundário português. *Paidéia*, 14(29), 265-276. doi: 10.1590/S0103-863X2004000300003
- Gamboa, V., Paixão, M. P., & Jesus, S. N. (2011). A eficácia de uma intervenção de carreira para a exploração vocacional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 12(2), 153-164.
- Ginzberg, E., Ginsburg, S. W., Axelrad, S., & Herma, J. L. (1951). *Occupational choice: An approach to general theory*. Columbia University Press.
- Gonçalves, C. M., & Coimbra, J. L. (2007). O papel dos pais na construção de trajetórias vocacionais dos seus filhos. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8(1), 1-17.
- Guindon, M. H., & Richmond, L. J. (2005). Practice and research in career counseling and development-2004. *The Career Development Quarterly*, 54(2), 90-130. doi: 10.1002/j.2161-0045.2005.tb00145.x
- Hirschi, A. (2009). Career adaptability development in adolescence: Multiple predictors and effect on sense of power and life satisfaction. *Journal of Vocational Behavior*, 74(2), 145-155. doi: 10.1016/j.jvb.2009.01.002
- Hutchins, B. C., & Akos, P. (2013). Rural high school youth's access to and use of school to-work programs. *The Career Development Quarterly*, 61(3), 210-225. doi: 10.1002/j.2161-0045.2013.00050.x

- Keller, B. K., & Whiston, S. C. (2008). The role of parental influences on young adolescents' career development. *Journal of Career Assessment*, 16(2), 198-217. doi: 10.1177/1069072707313206
- Lerner, R. M., Phelps, E., Forman, Y., & Powers, E. P. (2009). Positive youth development. In R. M. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology* (3rded.) (pp. 524-558). Wiley.
- Mahoney, J. L. (2000). School extracurricular activity participation as a moderator in the development of antisocial patterns. *Child Development*, 71(2), 502-516. doi: 10.1111/1467-8624.00160
- Marôco, J. (2003). *Análise Estatística*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Matias, N. C. F. (2009). Escolas de tempo integral e atividades extracurriculares: Universos à espera da psicologia brasileira. *Psicologia em Revista*, 15(3), 120-139. doi: 10.5752/P.1678-9563.2009v15n3p120
- OCDE (2004). *Orientação escolar e profissional - Guia para decisores*. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular e Instituto de Orientação Profissional.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2008). *Desenvolvimento humano* (8^a ed.). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Patton, W., & Loken, J. (2001). Perspectives on Donald Super's construct of career maturity. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 1, 31-48. doi: 10.1023/A:1016964629452
- Savickas, M. L. (1997). Career adaptability: An integrative construct for life-span, life-space theory. *The Career Development Quarterly*, 45(3), 247-259. doi: 10.1002/j.2161-0045.1997.tb00469.x
- Savickas, M. L. (2002). Career construction: A developmental theory of vocational behavior. In D. Brown & Associates (Eds.), *Career choice and development* (4th ed.) (pp. 149-205). Jossey Bass.
- Savickas, M. L. (2005). The theory and practice of career construction. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.), *Career development and counseling: Putting theory and research to work* (pp. 42-70). John Wiley & Sons Inc.
- Savickas, M. L. (2008). The theory and practice of career construction. In J. A. Athanassou & R. Van Esbroeck (Eds.), *International handbook of career guidance* (pp. 115-132). Springer Science.
- Savickas, M., Nota, L., Rossier, J., Dauwalder, J-P., Duarte, M. E., Guichard, J., Soresi, S., Van Esbroeck, R., & Van Vianen, A. (2009). Life designing: A paradigm for career construction in the 21st century. *Journal of Vocational Behavior*, 75(3), 239-250. doi: 10.1016/j.jvb.2009.04.004
- Savickas, M. L., & Porfeli, E. J. (2012). Career adapt-abilities scale: Construction, reliability, and measurement equivalence across 13 countries. *Journal of Vocational Behavior*, 80(3), 661-67. doi: 10.1016/j.jvb.2012.01.011
- Senna, S. R., & Dessen, M. A. (2012). Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 101-108. doi: 10.1590/S0102-37722012000100013
- Silva, C. S., Carvalho, R. G., & Pocinho, M. (2010). Ligação entre vivências profissionais e actividades académicas. In A. Estrela et al. (Eds.), *A escola e o mundo do trabalho: actas do XVII Colóquio da Association Francophone Internationale pour la Recherche Scientifique en Education*. EDUCA/Secção Portuguesa da AFIRSE.
- Smetana, J., Campione-Barr, N., & Metzger, A. (2006). Adolescent development in interpersonal and societal contexts. *Annual Review of Psychology*, 57, 255-284. doi: 10.1146/annurev.psych.57.102904.190124
- Steinberg, L., & Morris, A. S. (2001). Adolescent development. *Annual Review of Psychology*, 52, 83-110. doi: 10.1146/annurev.psych.52.1.83
- Stocker, J., & Faria, L. (2009) Auto-conceito e adaptação ao ensino superior: estudo diferencial com alunos da universidade do porto. In *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português*

- de Psicopedagogia* (pp. 4097-4109). Universidade do Minho. Consultado em março de 2017. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/94372>
- Stone, J. R., & Mortimer, J. (1998). The effect of adolescent employment on vocational development: Public and educational policy implications. *Journal of Vocational Behavior*, 53(2), 184-214. doi: 10.1006/jvbe.1998.1663
- Super, D. E. (1980). A life span, life-space approach to career development. *Journal of Vocational Behavior*, 16(3), 282-298. doi: 10.1016/0001-8791(80)90056-1
- Super, D. E. (1990). The life span, life space approach to career development. In D. Brown & L. Brooks (Orgs.), *Career choice and development* (2nd ed.) (pp. 197-261). Jossey-Bass.
- Watson, M., & McMahon, M. (2005). Children's career development: A research review from a learning perspective. *Journal of Vocational Behavior*, 67(2), 119-132. doi: 10.1016/j.jvb.2004.08.011